

## Controle da escolarização no português falado no sertão alagoano

### RESUMO

No Brasil, onde a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972; 2006; 2008) desenvolveu-se com base em variáveis sociais macro, como faixa etária e sexo, a escolarização tornou-se uma das variáveis mais selecionadas para a constituição de bancos de dados amostrais do português falado, considerando que, no estudo de diversos fenômenos linguísticos, encontram-se diferenças na língua falada por pessoas de diferentes níveis de escolarização (LOPES, 2017): falantes mais escolarizados tendem a fazer maior uso da norma culta, enquanto falantes menos escolarizados tendem a fazer menor uso. Neste trabalho, tomamos como objetivo apresentar uma revisão de estudos sociolinguísticos desenvolvidos com base no português falado no sertão alagoano, por meio da amostra A Língua Falada no Sertão Alagoano (VITÓRIO, 2017), questionando se há associação entre os resultados referentes ao controle da escolarização e a língua falada na comunidade. A amostra é composta por 96 entrevistas, e a escolarização é estratificada em quatro níveis: i) E0: analfabetos/semianalfabetos; ii) E1: falantes com ensino fundamental completo; iii) E2: falantes com ensino médio completo; e iv) E3: falantes com ensino superior completo. Como método, recorreremos à estatística descritiva e inferencial, na qual reunimos resultados de estudos que utilizam a mesma amostra e aplicamos técnicas estatísticas para explicar os resultados e aferir se há associação. Os estudos revisados são os de Silva (2017), Feitosa (2017), Oliveira (2017), Siqueira da Silva (2018), Alves da Silva (2018) e Rodrigues (2018). Os resultados demonstram que há associação entre a escolarização do falante sobre os usos que ele faz de sua língua. Esperamos, por meio deste trabalho, contribuir para discussões acerca da associação que pode haver entre língua e escolarização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escolarização. Português falado. Sertão alagoano.

#### Manoel Siqueira

[manoel.siqueira77@hotmail.com](mailto:manoel.siqueira77@hotmail.com)

Universidade Federal de Sergipe (UFSE),  
Aracaju, Sergipe, Brasil.

#### Viviane Novais

[vivianenovais18@hotmail.com](mailto:vivianenovais18@hotmail.com)

Universidade Federal de Sergipe (UFSE),  
Aracaju, Sergipe, Brasil.

## INTRODUÇÃO

A pesquisa em Sociolinguística Variacionista desenvolvida no Brasil tem sido amplamente subsidiada por um tipo de amostragem de língua falada denominada estratificada aleatória (cf. FREITAG, 2018): falantes são selecionados ‘aleatoriamente’ de modo a preencher células estratificadas com base em critérios sociodemográficos amplos, como sexo/gênero e faixa etária.

Um outro critério sociodemográfico amplamente utilizado é a escolarização do falante. Ao contrário do desenvolvimento da sociolinguística nos Estados Unidos, onde a classe social é o principal fator externo à língua controlado para a descrição do inglês americano (LABOV, 2001, p. 2008), a sociolinguística do Brasil amparou-se na escolarização, principalmente pela falta de classificações precisas de classe no país (FREITAG, 2016): na ausência de um controle sobre a classe socioeconômica do falante, tem sido mais frequentemente controlado o seu nível de escolarização, alternativa indireta (FREITAG, 2017), já que “nos estudos de diversos fenômenos linguísticos do português brasileiro, registram-se diferenças significativas entre os usos dos que frequentaram o ensino formal por mais tempo e os dos que têm menos escolarização” (LOPES, 2017, p. 73).

No português falado no sertão alagoano, cujas pesquisas sociolinguísticas são desenvolvidas desde 2014 a partir de dados do projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano (LUSA) (VITÓRIO, 2017), o controle da escolarização também é frequente. Por meio do projeto, tem sido possível descrever diferentes fenômenos variáveis considerando a língua falada por pessoas com mais e com menos grau de escolarização.

Em vista disso, o objetivo deste trabalho é apresentar uma revisão de estudos sociolinguísticos desenvolvidos com base no português falado no sertão alagoano, descrevendo os resultados referentes ao controle da escolarização e questionando se há associação com a língua falada na comunidade. Para isso, são observados os resultados de trabalhos desenvolvidos dentro do projeto LUSA, entre 2017 e 2018:

- A variação *você* e *cê* na fala dos sertanejos alagoanos (SILVA, 2017);
- Variação dos verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais no sertão alagoano (OLIVEIRA, 2017);
- A variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito no sertão alagoano (FEITOSA, 2017);
- Variação entre *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano (SIQUEIRA DA SILVA, 2018);
- A concordância verbal com o pronome *nós* no sertão alagoano (ALVES DA SILVA, 2018); e
- Concordância verbal com o pronome *a gente* no sertão alagoano (RODRIGUES, 2018).

Para chegarmos ao objetivo deste trabalho, apresentamos uma discussão sobre o controle da escolarização como variável extralinguística na pesquisa sociolinguística brasileira, bem como as diferentes formas que bancos de dados lidam com a variável. Apresentamos também o LUSA e as pesquisas oriundas do

projeto, para adentrarmos na discussão dos resultados da escolarização em tais pesquisas.

## 1. CONTROLE DA ESCOLARIZAÇÃO EM PESQUISAS SOCIOLINGUÍSTICAS BRASILEIRAS

Por meio de estudos sociolinguísticos liderados por Labov (2006; 2008), compreendemos que a comunidade é mais importante do que o indivíduo quando se estuda a língua (LABOV, 2006[1966]), uma vez que “a linguagem dos indivíduos não pode ser compreendida sem o conhecimento da comunidade da qual eles são membros (LABOV, 2006, p. 05, tradução nossa)<sup>1</sup>. A língua, então, é um elemento social, compartilhado por membros de uma comunidade. Suas realizações dependem, além do contexto linguístico e cognitivo, dos contextos sociais, culturais e geográficos nos quais os indivíduos estão inseridos.

Contribuições para essa afirmação provém do estudo desenvolvido por Labov na década de 60, publicado em *The Social Stratification of the English in New York City* (A estratificação social do inglês na cidade de Nova Iorque). Nele, o autor correlaciona a estratificação social com a língua falada na comunidade do *Lower East Side*, área periférica de Nova Iorque (LABOV, 2006). Comprovou-se, nesse estudo, que há relação entre a estrutura social e a estrutura da língua, mesmo havendo uma gradiência nessa relação, já que algumas variáveis sofrem mais o efeito da sociedade.

O estudo de Labov (2006) propiciou grandes ganhos para a Sociolinguística Variacionista, principalmente quanto a ganhos metodológicos e à evidência da estrita correlação entre língua e sociedade, descrevendo a distribuição da realização das variáveis pelos grupos sociais (FREITAG, 2016).

No entanto, para que o controle da classe seja efetivo e apresente resultados confiáveis, é necessário que existam divisões bem delineadas. No Brasil, a divisão de classes não possui as mesmas características dos Estados Unidos e não é tão simples mensurar a qual classe social um falante faz parte. Além disso, a maior parte dos falantes não se sente à vontade para informar a qual classe pertence, o que dificulta o controle da variável (FREITAG, 2016). Para termos maior dimensão da complexidade de definições precisas de classes no Brasil, vejamos uma proposta de hierarquia social apresentada em Chambers (2003) (Quadro 1):

Quadro 1: Classificação de classes sociais por Chambers (2003).

<b>Classe média</b>	Alta	Proprietários, diretores, pessoas que herdaram riqueza
	Média	Profissionais, gerentes executivos
	Baixa	Semiprofissionais, gerentes de níveis mais baixos
<b>Classe trabalhadora</b>	Alta	Comerciários, trabalhadores manuais qualificados
	Média	Trabalhadores manuais semiquilificados
	Baixa	Trabalhadores não qualificados e temporários

Fonte: Chambers (2003, p. 43).

Embora seja uma classificação clara da hierarquia de classes, ela não se aplica no Brasil. Tendo em vista que, de modo geral, a relação de classes sociais também considera o nível de escolarização das pessoas, essa proposta de estratificação de

classe não reflete a realidade do país, pois a relação entre bens materiais e escolarização não são equivalentes. Existem profissionais altamente escolarizados (superior completo, pós-graduação) que possuem poder aquisitivo inferior a outros trabalhadores que não possuem esse nível de escolarização; ainda, há pessoas não escolarizadas que possuem renda alta se comparados àqueles com escolarização completa.

Por não haver distinção precisa no Brasil, ao invés de observar a qual classe socioeconômica o falante faz parte, tem sido mais frequentemente controlado o seu nível de escolarização, conforme aponta Freitag (2017, p. 15):

o controle da escolarização surgiu como uma alternativa indireta para o controle da classe social nas amostras sociolinguísticas brasileiras. Níveis de escolarização mais altos, como o grau universitário, seriam, por hipótese, uma forma de controle de pertencimento a classes sociais mais altas.

A escolarização no Brasil tem funcionado como preditivo de renda e aspecto fundamental para melhoria da qualidade de vida por meio da ascensão social, sendo uma ponte para mobilidade de classe (IBGE, 2017). Conforme destaca Bortoni-Ricardo (2004, p. 48), “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico. Observe-se que esses fatores estão intimamente ligados ao estatuto socioeconômico, na sociedade brasileira”.

A escolarização passa a ser uma variável extralinguística padrão/genérica controlada “com a premissa de que a exposição à cultura letrada e o papel normativo da escola levariam o falante ao contato com as variantes canônicas ou de prestígio em uma razão proporcional: quanto maior o nível de escolarização, maior a aderência a estas variantes” (FREITAG, 2017, p. 67). Em Labov (2001), por exemplo, controlando a classe social, foi notado que quanto maior o nível de classe social, mais os falantes apresentam traços linguísticos de variedades cultas, que possuem prestígio social. Por outro lado, no Brasil, essa premissa tem sido aplicada à escolarização: quanto maior for o nível de escolarização de um falante, mais ele tende a usar formas linguísticas de níveis mais cultos e de prestígio. Para Labov (2001, p. 185, tradução nossa), “a educação é um efeito cumulativo de socialização cuja influência fica mais forte mais tarde na vida”. Configura-se, assim, que à medida que o falante avança em sua escolarização, ele tende a produzir, em seu repertório linguístico, formas linguísticas de prestígio.

Nos 50 anos de pesquisa sociolinguística brasileira, a variável escolarização recebeu diferentes nomenclaturas e foi controlada de diferentes maneiras, especialmente levando em consideração as mudanças sócio-históricas no processo escolar no Brasil. Os diversos bancos de dados, a exemplo dos compostos pelo Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL) e pelo Projeto Variação Linguística na Paraíba (VALPB), controlam a escolarização como variável clássica. O VARSUL estratifica a escolarização por anos de estudos: de 4 a 5 anos; 8 a 9 anos; e 10 a 11 anos. O VALPB segue a mesma estratificação, incluindo mais uma, composta por falantes não alfabetizados. Outros bancos de dados sociolinguísticos, a exemplo do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) (CASTILHO; PRETI, 1986)<sup>2</sup> e do Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), controlam somente o nível superior completo ou o universitário.

O acesso à escolarização e a própria escola, enquanto instituição normativa, têm sido meios que possibilitam às pessoas a imersão na cultura letrada, maiores níveis de instrução, de conhecimento, de convivência e interação umas com as outras. No ambiente escolar, por exemplo, o contato com a norma padrão é mais frequente, seja por meio de atividades, produção de textos ou na própria fala. No entanto, como destaca Freitag (2017, p. 70-71),

do ponto de vista sociolinguístico, (...) a variável escolarização não pode ser considerada apenas e naturalmente como um efeito da exposição do falante à cultura letrada e a assimilação de suas regras. A escola reflete e reforça as estruturas da sociedade; os resultados de distribuição das variantes, nas análises sociolinguísticas, não podem ser atribuídos exclusivamente à capacidade da escola de influenciar e modelar o padrão linguístico. Estes resultados são também reflexo de práticas sociais extraescolares que são apenas repetidas e reforçadas no espaço da escola.

Por si só, a escola/universidade não possui força para estabelecer se um falante deve ou não usar determinado traço linguístico. Existem pressões sociais a respeito do uso da língua pela escolarização do falante, de modo que, a nível linguístico, é esperado que pessoas escolarizadas (ou em processo de escolarização) façam uso de formas linguísticas mais próximas daquilo que é considerado padrão, visto seu prestígio social. Labov (2008, p. 140) destaca que

a variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante.

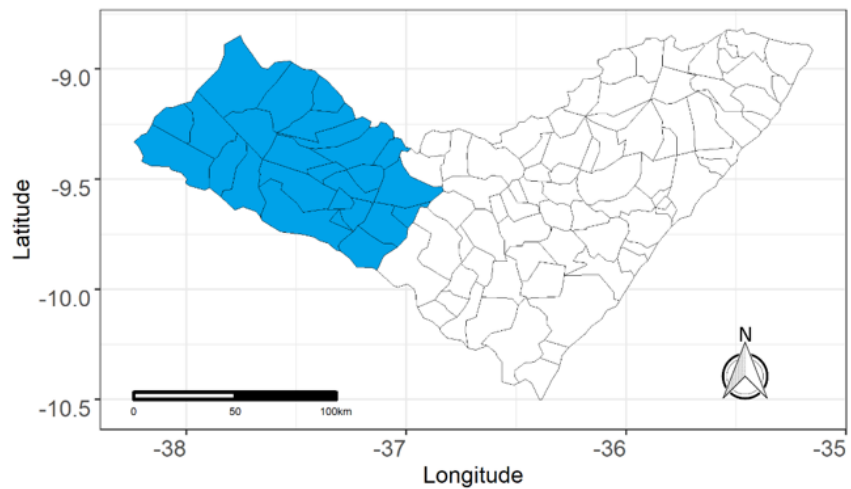
São esses fatores que, somados à escolarização, produzem o efeito no uso de determinados traços linguísticos. Embora se pontue a associação da escolarização com a língua, precisamos considerar que seu efeito não a atinge por completo. A escolarização se concentra em trabalhar em cima de traços descontínuos, uma vez que sua função é interferir na fala dos desprestigiados, “fazê-los perder traços que são marca de baixo prestígio social, dando a contribuição da escola para isso” (LOPES, 2017, p. 73). Busca-se podar formas linguísticas que estão acima do nível de consciência social e estilística da comunidade, os estereótipos. Formas linguísticas que estão ao nível de consciência social e estilística (marcadores) ou abaixo desse nível (indicadores) tendem a não possuir estigma, o que as fazem despercebidas, logo excluídas da agenda escolar ou pouco abordada.

Com isso, a variável escolarização tem sido relacionada à avaliação social a respeito do uso da língua, uma vez que quanto maior for o nível de escolarização de um falante, mais ele tende a fazer uso de formas linguísticas prestigiadas socialmente, partindo do pressuposto de que pessoas altamente escolarizadas dificilmente produzirão formas como *nós vai*, *eles foi* e *a gente vamos* (estereótipos). Diante do que foi exposto, apresentamos, nos tópicos seguintes, como está estratificada a escolarização no LUSA, de que forma tal variável extralinguística foi controlada nas pesquisas subsidiadas pelo projeto e quais são seus principais resultados.

## 2. CONJUNTO DE DADOS E MÉTODO

O projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano (LUSA) surgiu em 2014, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – *Campus Sertão*, com o propósito de subsidiar as pesquisas sociolinguísticas para a descrição do português falado na região do sertão alagoano (VITÓRIO, 2017) (Figura 1).

Figura 1: Sertão Alagoano



Fonte: elaborada pelos autores.

A amostra possui 96 entrevistas, realizadas seguindo roteiros desenvolvidos com base no modelo laboviano e estratificada seguindo variáveis sociais macro: faixa etária, sexo/gênero e escolarização (Quadro 2).

Quadro 2: Estratificação do LUSA

Masculino	F1	E0	Feminino	F1	E0
Masculino	F1	E1	Feminino	F1	E1
Masculino	F1	E2	Feminino	F1	E2
Masculino	F1	E3	Feminino	F1	E3
Masculino	F2	E0	Feminino	F2	E0
Masculino	F2	E1	Feminino	F2	E1
Masculino	F2	E2	Feminino	F2	E2
Masculino	F2	E3	Feminino	F2	E3
Masculino	F3	E0	Feminino	F3	E0
Masculino	F3	E1	Feminino	F3	E1
Masculino	F3	E2	Feminino	F3	E2
Masculino	F3	E3	Feminino	F3	E3

Fonte: Vitório (2017, p. 6-7).

Faixa etária é estratificada em três níveis: i) F1: falantes de 18 a 29 anos; ii) F2: falantes de 30 a 45 anos; e iii) F3: falantes acima de 45 anos. A variável sexo/gênero é estratificada com base apenas no sexo biológico do informante, masculino ou feminino. A estratificação de escolarização está dividida em quatro níveis: i) E0: analfabeto/semianalfabeto; ii) E1: ensino fundamental; iii) E2: ensino médio; e iv) E3: ensino superior.

As pesquisas subsidiadas pelo LUSA controlaram a escolarização como forma de verificar se há associação entre a variável e os fenômenos linguísticos, conforme desenvolvido nos trabalhos:

- A variação *você* e *cê* na fala dos sertanejos alagoanos (SILVA, 2017);
- Variação dos verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais no sertão alagoano (OLIVEIRA, 2017);
- A variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito no sertão alagoano (FEITOSA, 2017);
- Variação entre *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano (SIQUEIRA DA SILVA, 2018);
- A concordância verbal com o pronome *nós* no sertão alagoano (ALVES DA SILVA, 2018);
- Concordância verbal com o pronome *a gente* no sertão alagoano (RODRIGUES, 2018).

Esses trabalhos utilizam como *corpus* para descrição dos fenômenos a amostra do LUSA. Em suas análises, os autores utilizaram como método para observar a associação entre escolarização e os fenômenos descritos o software GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que apresentam as tendências dos dados obtidos em pesos centrados (ou probabilidade de ocorrer x ou y). Aqui, guiamos nossa revisão e análise com base em outro parâmetro.

Utilizamos, para a revisão e análise dos dados, a estatística descritiva, para apresentar as contagens e frequências, e a inferencial, de modo a chegar a conclusões sobre o todo (população), partindo da observação e análise de partes desse todo (amostra). A estatística inferencial nos permite apresentar um maior grau de confiabilidade nas generalizações para a população, baseadas nos resultados amostrais.

Recorremos para a análise estatística inferencial a testes de hipóteses para variáveis categóricas (considerando que os fenômenos descritos são variáveis categóricas nominais)<sup>3</sup>: teste de qui-quadrado de Pearson e teste exato de Fisher. A premissa dos testes de hipótese é a de que os resultados são efeitos do acaso, o que chamamos de Hipótese Nula ( $H_0$ ). Se a  $H_0$  não for validada, apresentamos a hipótese alternativa ( $H_1$ ). Isso significa que há associação entre a variável dependente (o fenômeno descrito) e a variável independente (escolarização). Para a validação das hipóteses, consideramos o alfa ( $\alpha$ ) de 0.05. O teste estatístico nos dá um p-valor, que é comparado com nosso valor de  $\alpha$ . Um p-valor igual (=) ou superior (>) a 0.05 valida a  $H_0$ , não há associação entre os dados, a distribuição do fenômeno descrito é efeito do acaso (ou condicionado por outro fator). Um p-valor menor (<) que 0.05 rejeita a  $H_0$  e valida nossa  $H_1$ , em que há associação entre a distribuição do fenômeno e a variável escolarização. Para medir a associação, utilizamos o  $V^2$  de Cramer, que vai de 0 a 1: 0 é a ausência de associação, em um contínuo escalar, no qual 1 é o nível mais forte de associação.

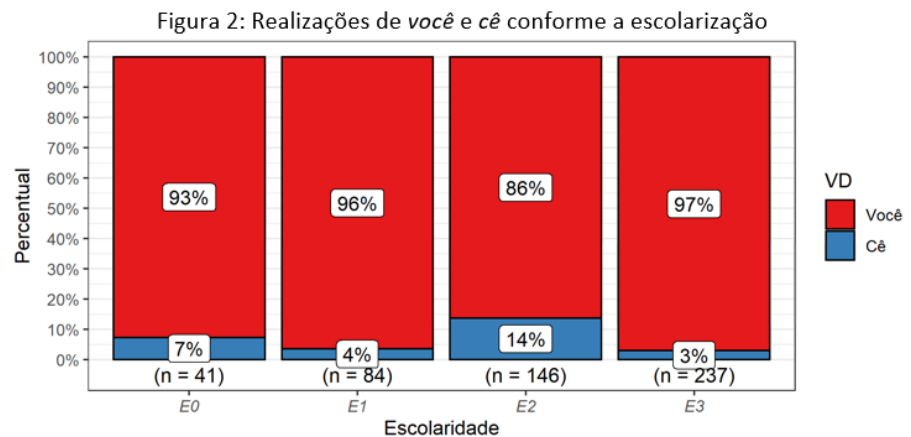
Os gráficos apresentados na seção dos resultados e discussões forem feitos na plataforma R (R CORE TEAM, 2018), na interface RStudio, por meio do pacote *ggstatsplot* (PATIL; POWELL, 2018), que apresenta a distribuição das variáveis e os resultados do teste de hipótese. As distribuições e os testes são apresentados na seção seguinte.



### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As pesquisas desenvolvidas com base na amostra do LUSA descrevem fenômenos ao nível morfossintático. Silva (2017), com enfoque na variação dos pronomes *você* e *cê* na função de sujeito, como em (1) e (2), observa que a frequência de *você* (94% 475/508) é maior que a frequência de *cê* (6% 33/511). A autora, comentando sobre *cê*, aponta que “ou a variante está se implementando na comunidade de fala ou a variante está entrando em desuso através de um processo de mudança linguística” (SILVA, 2017, p. 51). Os resultados quanto à escolarização são apresentados na Figura 2.

- (1) É fazê de conta que num tá fazendo nada porque se você fize alguma co::isa você só leva prejuízo. L37<sup>4</sup>
- (2) É muito preocupante primêro não temos um policiamento adequedo cê vê uma cidade como essa cê tem o que? L47



Fonte: elaborada pelos autores, dados extraídos de Silva (2017, p. 52).

A frequência da variante *cê* é maior com falantes da E2, falantes com ensino médio completo, com 14% (20/146), seguidos por falantes da E0, analfabetos/semianalfabetos, com 7% (3/38), falantes da E1, com fundamental completo, 4% (3/81) e, por último, falantes da E3, com ensino médio completo, 3% (7/237). Essa distribuição é estatisticamente significativa (*Fisher's exact test*:  $p = 0.0005$ ). Confirmamos nossa  $H_1$ , em que há associação entre a escolarização e a variação nos pronomes *você* e *cê* nas funções de sujeito no português falado no sertão alagoano. Contudo, a associação observada é fraca, uma vez que  $V^2 = 0.18$ . Segundo Silva (2017, p. 53),

o estudo de Loregian-Penkal e Menon (2012) realizado em Curitiba apresenta resultados semelhantes ao nosso no que diz respeito à escolaridade, nele podemos observar que o *cê* também é realizado com maior frequência entre os informantes de ensino médio, mostrando, assim, que esse nível de escolarização tende a favorecer mais o uso da variante *cê*.

Considerando que a variante *cê* não é um estereótipo, mas um marcador, o comportamento da variação quanto a escolarização não apresenta grandes

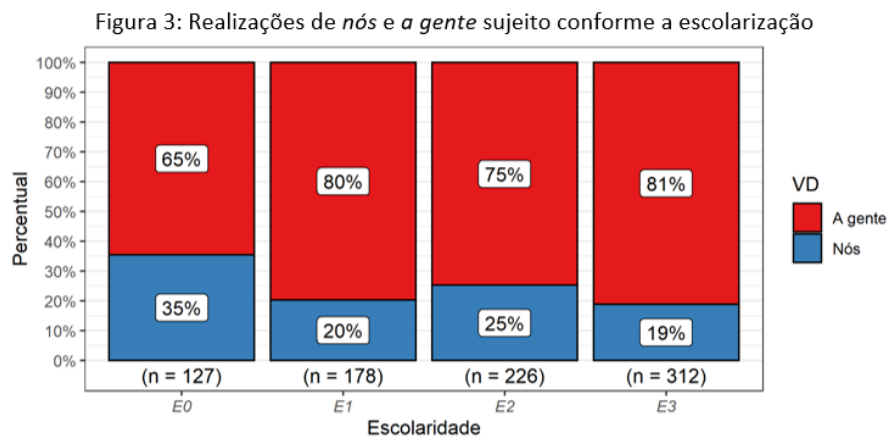


diferenças entre os diferentes níveis, com maior diferença entre falantes do ensino médio. A autora não apresenta hipóteses que justifiquem esse comportamento.

Em *A variação nós e a gente na posição de sujeito no sertão alagoano*, Feitosa (2017) encontrou um maior uso da variante *a gente*, em (3), com 77% (646/843), e 23% (197/843) para a variante *nós*, em (4). Seus resultados demonstram que a variante vista pelo ensino como não padrão está mais difundida na comunidade de fala do sertão alagoano.

- (3) Diariamente **a gente** já vem trabalhá x fazê as coisa e é com risco. L10
- (4) Ele mandô mandava recado pra eu e **nós** ia assim pra uma casa e conversava aí depois fiquemo junto. L49

A autora parte da premissa de que a variante *a gente* será mais frequente com falantes com menor nível de escolarização, como analfabetos/semianalfabetos e com fundamental completo, uma vez que com falantes com ensino superior completo a frequência de *a gente* será menor, já que o pronome *a gente* não é contemplado em compêndios gramaticais (Figura 3).



Fonte: elaborada pelos autores, dados extraídos de Feitosa (2017, p. 55).

A frequência da variante *a gente* é maior com falantes da E3, com 81% (253/312), seguidos por falantes da E1, com 80% (142/178) e falantes da E2, com 75% (169/226). A menor frequência de *a gente* é observada com falantes da E0, com 65% (82/127). Diferentemente do que pontua a autora, são falantes menos escolarizados que fazem o menor uso da variante *a gente*, enquanto os mais escolarizados, principalmente os com ensino superior completo, fazem o maior uso. O teste estatístico demonstra que há associação entre as variáveis ( $p = 0.002$ ), com associação fraca ( $V^2 = 0.12$ ). Segundo Feitosa (2017, p. 57),

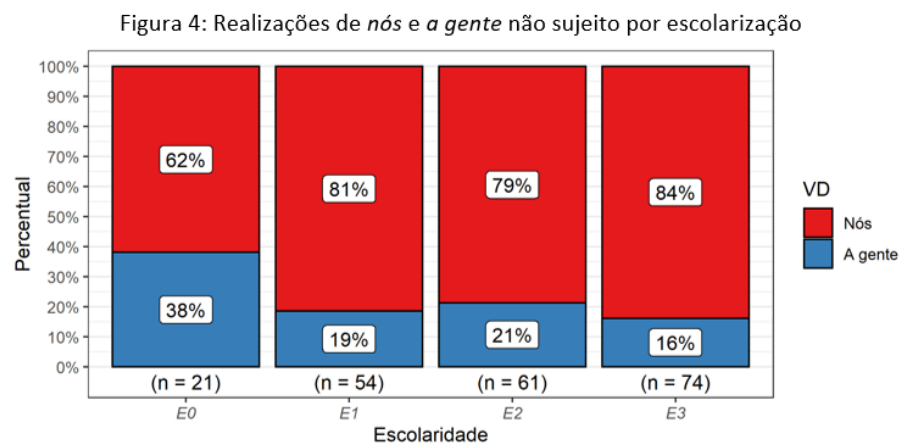
nossa hipótese para explicar esse contraste com o que dizem os estudos sociolinguísticos está relacionada ao contato linguístico que as pessoas de nível superior mantêm com outras comunidades de fala, tanto pelo contato com outras pessoas pelo meio digital, como também é normal que pessoas com este perfil viagem mais para outras regiões. Outra hipótese também que pode explicar esse resultado é de que a variante *a gente* parece não ser estigmatizada

pelos falantes, por isso as pessoas de nível superior não tendem a se monitorar quanto ao uso do *a gente*.

Consideremos aqui a segunda hipótese. Pesquisas sociolinguísticas (cf. LOPES, 2003; 2004; OMENA, 2003; MENDONÇA, 2016) têm demonstrado o uso cada vez maior da forma *a gente*, independentemente do nível de escolarização, uma vez que é uma variante que não sofre estigma, levando falantes de todos os *status* sociais a fazer maior uso dessa forma linguística. Contudo, isso é aplicado apenas ao pronome na função de sujeito. Como a escolarização age sobre os usos de *a gente* em funções de não sujeito?

Siqueira da Silva (2018), em seu estudo sobre a variação *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, como em (5) e (6), observa que, diferentemente da variação em função de sujeito, quando em outras posições, há predomínio da variante *nós* (80% 167/210), com baixa frequência de *a gente* (20% 43/210). Para o autor, “a sobreposição do pronome conservador em relação ao inovador implica que o segundo ainda está em um processo de uso não tão difundido, como ocorre na posição de sujeito” (SIQUEIRA DA SILVA, 2018, p. 59). Os resultados quanto à variável escolarização são apresentados na Figura 4.

- (5) o prefeito aqui é um ladrão – num tem um “fi” da peste certo – pega – o **nosso** ganha pão aí leva pro curral é cinquenta conto pra soltá – xxx isso aí eles tamém tão errado [...]. L4
- (6) porque eu acho melhó né - é melhor **pá gente** do que andá num canto estranho – só isso mermo. L2



Fonte: elaborada pelos autores, dados extraídos de Siqueira da Silva (2018, p. 71).

A maior frequência para o pronome *a gente* é observada na E0 (38% 8/21), com falantes não escolarizados, seguido por falantes da E2 (21% 13/61), falantes da E1 (19% 10/54) e, por último, falantes da E3 (16% 12/74), falantes mais escolarizados. Para Siqueira da Silva (2018, p. 71), a diferença nas frequências entre a E0 e a E3 é motivada porque “quanto mais for escolarizado o falante, maior é a chance de ele usar a variante padrão, deixando de lado a variante inovadora, vista como não padrão no ensino”, nesse caso, a variante *a gente*. Contudo, a distribuição não apresentou significância estatística ( $p = 0.19$ ), o que demonstra que não há associação entre a variável dependente, a variação *nós* e *a gente* em funções de não sujeito, e a variável independente escolarização.

Oliveira (2017), descrevendo o comportamento dos verbos *ter* e *haver* com sentido existencial, como (7) e (8) respectivamente, observa o predomínio da forma *ter* (94% 620/659), com poucos usos de *haver* (6% 39/659): “na modalidade da língua falada do sertão alagoano, há uma preferência pelo uso de *ter* existencial, fato este que corrobora a ideia de que, no português brasileiro, *ter* é o existencial canônico selecionado” (OLIVEIRA, 2017, p. 47).

(7) De violência? -- O::lhe - violê::ncia **tem** vários tipos de violência. L61

(8) **há há** cidades melhores do que a nossa - **há há** outras cidades também que não estão igual. L9

Dialogando com a hipótese de Feitosa (2017) para *a gente*, Oliveira (2017, p. 51, acréscimo nosso) propõe que “pessoas mais escolarizadas tendem a utilizar a variante de prestígio [*haver*], e quanto menor o nível de escolarização, menor o uso das formas conservadoras”. Os resultados podem ser visualizados na Figura 5.



Fonte: elaborada pelos autores, dados extraídos de Oliveira (2017, p. 51).

A frequência de *haver* é maior com falantes da E3 (12% 20/161), seguido por falantes da E2 (7% 12/168). As menores frequências são observadas com falantes da E0 (1% 2/178) e E1 (3% 5/152). São falantes mais escolarizados que tendem a fazer maiores usos da forma *haver*, uma vez que com falantes menos escolarizados quase não há realizações. A variável é estatisticamente significativa ( $p < 0.001$ ), o que confirma nossa  $H_1$ , demonstrando que há associação entre a escolarização e os usos de *ter* e *haver* existenciais:

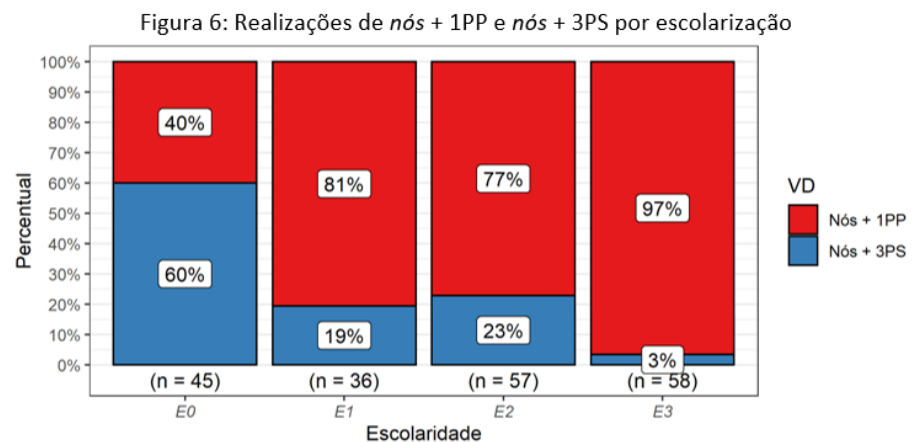
com relação à variação *ter* e *haver* existenciais, estudos sociolinguísticos têm apontado não só que quanto maior a escolarização do falante, maior é o percentual de *haver* existencial (SILVA, 2001; VITÓRIO, 2010), como também que *haver* parece não fazer mais parte do processo natural de aquisição de linguagem, sendo adquirido quando o falante entra em contato com a aprendizagem da língua escrita (OLIVEIRA, 2017, p. 52).

O uso de *haver* está relacionado à cultura letrada na qual se insere o indivíduo. Quanto mais letrado, maiores as chances de ele usar *haver* existencial, tendo em vista que, em seu vernáculo e na língua cotidiana, essa forma não está tão presente, considerando a alta frequência da variante *ter*, não estigmatizada socialmente.

Contudo, isso pode não se aplicar à concordância verbal. Segundo Lopes (2017, p. 79), “a concordância verbal é um assunto trabalhado e cobrado em todas as séries da educação básica. A ausência de concordância é um traço descontínuo, muito estigmatizado”. Nesse sentido, há forte incidência da escola em usos linguísticos que não envolvem a marcação da concordância.

Descrevendo a concordância de *nós* no português alagoano, Alves da Silva (2018) observa o predomínio da variante *nós* + 1PP (75% 147/196), como em (9), em detrimento da variante *nós* + 3PS (25% 49/196), como em (10). Para o autor, quanto à variável escolarização (Figura 6), “a variante *nós* + 1PP será mais frequente na fala de pessoas que possuem maior nível de escolarização” (ALVES DA SILVA, 2018, p. 52), tendo em vista que a maior inserção na cultura letrada e exposição à norma padrão tende a inibir variantes desprestigiadas socialmente. Em outros termos, “os falantes escolarizados tendem a fazer mais concordância porque se apropriam da norma culta e não querem se sentir socialmente desprestigiados” (BORTONI-RICARDO *et al.*, 2014, p. 93).

- (9) eles não transforme essa sua menti porque **nós sabemos** qui menti parada é um verdadeiro é uma verdadeira oficina de criminalidade. L46
- (10) eu achei bom que a gente foi em grupo e a gente se dividiu - aí fomo conhecê a pra:ia fomo **nós foi** pra Penedo também conhecê os museu de Pene:do eu gostei do meu passeio. L56



Fonte: elaborada pelos autores, dados extraídos de Alves da Silva (2018, p. 52).

A frequência de *nós* + 1PP é maior com falantes da E3, com 97% (56/58), do que com falantes da E1 (81% 29/36) e falantes da E2 (77% 44/57). Falantes da E0, não escolarizados, são os que fazem o menor uso da variante (40% 18/45), predominando a variante não padrão. A consideração do autor para a variável finda-se como verdadeira, uma vez que falantes mais escolarizados fazem maior uso da variante padrão, à medida em que falantes menos escolarizados fazem o menor uso. Do ponto de vista estatístico, há associação entre a variável dependente e a variável independente ( $p < 0.001$ ), com associação média ( $V^2 = 0.46$ ). A escolarização incide sobre a distribuição da concordância *nós* no português falado no sertão alagoano.

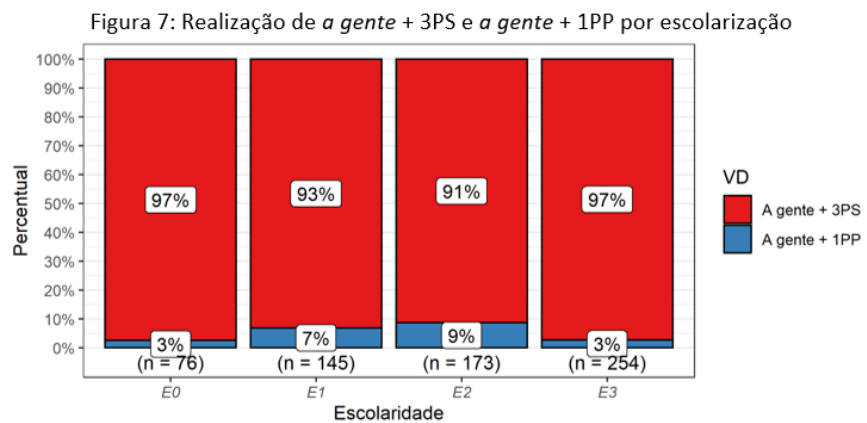
Um outro fenômeno de concordância socialmente desprestigiado é a concordância do pronome *a gente*. No português brasileiro, a concordância do

pronome *a gente* pode ocorrer com morfema de 3PS, a forma padrão, em (11), e com morfema de 1PP, a forma não padrão, como (12).

(11) Oi muié:: eu vi no jornal que o estado ele é muito violento o estadode Alagoas – é compri:cado né porque:: **a gente mora** num lugar assim num istado tão violento assim é difícil di mais homi – armaria tu é doido homi. L19

(12) **a gente** foi uma visitação turística também x **Ø conhecemo** todos os pontos de: Recife e foi bom que a gente passou quatro dias [...]. L30

Rodrigues (2018), em seu estudo sobre a concordância verbal do pronome *a gente* no sertão alagoano, constata que, embora ocorra variação, a frequência da realização do *a gente* + 1PP é baixa (5% 34/648), contra os demais 95% (614/648) de *a gente* + 3PS. Em sua análise, a autora observa que a variável escolarização é a que mais influencia na ocorrência do *a gente* + 1PP (Figura 7).



Fonte: elaborada pelos autores, dados extraídos de Rodrigues (2018, p. 51).

As menores frequências para a variante *a gente* + 1PP ocorrem com falantes da E0 (3% 2/76) e falantes da E3 (3% 7/254). As maiores frequências ocorrem com falantes da E2 (9% 15/173) e da E1 (7% 10/145). Em outros termos, falantes do ensino médio, escolaridade bem avançada no processo de escolarização, estão fazendo o maior uso da variante não padrão, enquanto falantes sem nenhuma escolarização e com altos níveis de escolarização pouco usam a variante.

Estatisticamente, a diferença entre as escolarizações é significativa ( $p = 0.027$ ), com associação fraca ( $V^2 = 0.10$ ). Há associação entre a escolarização e a distribuição da concordância verbal com o pronome *a gente* no português falado no sertão alagoano. Rodrigues (2018, p. 51) pontua que,

diante desse resultado, é possível intuir que, por vislumbrarem uma noção de língua “certa” e “errada”, difundida socialmente e sem embasamento linguístico, os falantes de E0 procuram se aproximar o máximo possível da variante formal, nesse caso *a gente* + 3PS, numa espécie de imitação das falas de prestígio, mesmo utilizando algumas marcas de oralidade desprivilegiadas. Em E1 e E2, o aumento da concordância informal [...] pode estar associado a um fator estilístico,

visto que, nesse nível da educação básica, que geralmente acontece na adolescência, os jovens adquirem padrões linguísticos diferenciados, é a fase da “rebelião” quando os adolescentes procuram formas que fujam aos padrões convencionados, esse fator pode ser uma explicação possível ao pequeno aumento constatado.

Mesmo com a concordância verbal sendo um assunto muito trabalhado pela educação básica, os resultados evidenciados na Figura 7 demonstram que os falantes com um nível de escolaridade elevado (E2) ainda estão fazendo o uso da variante não padrão.

Vemos, contudo, que as baixas frequências encontradas pela autora em relação à concordância *a gente* + 1PP, como também os resultados obtidos em Alves da Silva (2018), devam ser resultantes da escolarização, tendo em vista o predomínio da realização das formas padrão.

Os resultados em relação à variável escolarização quanto à concordância verbal demonstram que, no foco do ensino sobre as marcas de desprestígio na fala do aluno, ainda há a realização dessas formas linguisticamente estigmatizadas, mostrando uma resistência do falante frente ao domínio da norma padrão e a ação da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discutimos sobre o controle da escolarização sobre o português falado no sertão alagoano. Para tanto, revisamos estudos desenvolvidos com base na amostra do LUSA, estratificada considerando quatro níveis de escolarização, de analfabetos até falantes com superior completo.

Diante do exposto, concluímos que há associação entre a escolarização e a língua da comunidade, uma vez que falantes com diferentes níveis de escolarização fazem diferentes usos linguísticos, principalmente considerando fenômenos que sofrem estigma, como de concordância verbal. Contudo, observamos que o ‘efeito’ da escolarização não é o mesmo em todas as pesquisas:

- i) O uso da variante *cê* é maior com falantes da E2 (14% 20/146) e menor com falantes da E3 (3% 7/237);
- ii) O uso de *a gente* é maior com falantes da E3 (81% 253/312) e menor com falantes da E0 (65% 82/127);
- iii) Em contraparte, o *a gente* não sujeito ocorre mais na E0 (38% 8/21), e menor com falantes da E3 (16% 12/74);
- iv) O verbo *haver* com sentido existencial ocorre mais com falantes da E3 (12% 20/161), com menor frequência na E0 (1% 2/178);
- v) A frequência de *nós* + 1PP é maior com falantes da E3 (97% (6/58). Falantes da E0 fazem o menor uso da variante (40% 18/45),
- vi) A menor frequência para a variante *a gente* + 1PP ocorre com falantes da E0 (3% 2/76). A maior frequência ocorre com falantes da E2 (15/173).

Pontuamos que a escolarização tem sido um efetivo meio de se observar o comportamento linguístico do falante com relação a sua postura na sociedade, uma vez que falantes mais escolarizados tendem a fazer uso de variantes padrão. Contudo, ressaltamos que o controle da escolarização não pode ser visto como uma associação direta com esses usos: há diferentes variáveis que podem interferir na língua do falante como, por exemplo, sua classe social, sua rede de contatos, sua comunidade e sua região geográfica.

Esperamos, por meio deste trabalho, contribuir para discussões acerca da associação que pode haver entre língua e sociedade e, acima de tudo, sobre a associação que há entre a língua e a escolarização do falante.



## NOTAS

1 - No original: “the language of individuals cannot be understood without knowledge of the community of which they are members” (LABOV, 2006, p. 05).

2 - Devemos considerar que o NURC não segue protocolos da sociolinguística variacionista para sua constituição, embora seu acervo permita que sejam realizadas análises de orientação variacionista (cf. FREITAG, 2019).

3 - Seguimos protocolos estatísticos apresentados em Freitag (2020). Disponível em: <https://rkofreitag.github.io/Categorica.html/>. Acesso em: 09 fev. de 2021.

4 - Os exemplos utilizados a partir daqui são extraídos das pesquisas utilizadas, que, por sua vez, extraíram das entrevistas que compõem a amostra do LUSA.

## Schooling control in the Portuguese spoken in the hinterlands of Alagoas

### ABSTRACT

In Brazil, where Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972; 2006; 2008) has been developed based on macro social variables, such as age and sex, schooling has become one of the most selected variables for the constitution of sample databases of spoken Portuguese, considering that, in the study of several linguistic phenomena, there are differences in the language spoken by people of different levels of education (LOPES, 2017): more educated speakers tend to make greater use of the prestigious norm, while less educated speakers tend to make less use of it. In this paper, we aim to present a review of sociolinguistic studies developed based on the Portuguese spoken in the alagoan backwoods, through the sample *A Língua Falada no Sertão Alagoano* (VITÓRIO, 2017), questioning whether there is an association between the results related to schooling control and the language spoken in the community. The sample consists of 96 interviews, and schooling is stratified at four levels: i) E0: illiterate/semi-literate; ii) E1: speakers that completed elementary school; iii) E2: speakers that completed high school; and iv) E3: speakers that complete higher education. As a method, we use descriptive and inferential statistics, in which we gather results from studies that use the same sample and apply statistical techniques to explain the results and assess whether there is an association. The reviewed studies are those of Silva (2017), Feitosa (2017), Oliveira (2017), Siqueira da Silva (2018), Alves da Silva (2018) and Rodrigues (2018). The results demonstrate that there is an association between the speakers' education about the uses they make of their language. We hope, through this work, to contribute to discussions about the association that may exist between language and schooling.

**KEYWORDS:** Schooling. Spoken Portuguese. Alagoan backwoods.

## REFERÊNCIAS

ALVES DA SILVA, J. A. A concordância verbal com o pronome nós no Sertão alagoano. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018.

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M.; FREITAS, V. A. de L.; MACHADO, V. R. Por que a escola não ensina gramática assim? São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

CHAMBERS, J. K. Sociolinguistics. 2.ed. Oxford: Blackwell, 2003.

FEITOSA, J. G. A variação nós e a gente na posição de sujeito no sertão alagoano. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2017.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Faiares Sergipanos. Working Papers em Linguística, v. 14, n. 1, p. 156-164, 2013.

FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. Cadernos de Estudos Linguísticos, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016.

FREITAG, R. M. K. A mudança linguística, a gramática e a escola. PerCursos, Florianópolis, v. 18, n.37, p. 63 - 91, 2017.

FREITAG, R. M. K. NURC, um banco de dados sociolinguístico. In: Oliveira Jr., M. (org.). NURC - 50 anos. São Paulo: Parábola, 2019, p. 125-134.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Síntese de indicadores sociais, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

LABOV, W. Principles of linguistic change, volume 2: Social factors. Oxford: Language in Society, v. 29, 2001.

LABOV, W. The social stratification of English in New York city. Cambridge University Press, 2006.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOPES, C. R. S. A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert/ Iberoamericana, 2003. v.18, p. 174-184.

LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. Fórum Lingüístico, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.

LOPES, N. S. Qual o efeito da escola no português de Salvador?. In: Estudos sobre o Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade. São Paulo: Blucher, 2017, p. 73-82.

MENDONÇA, J. J. Variação na expressão da 1ª pessoa do plural: indeterminação do sujeito e polidez. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

OLIVEIRA, J. F. Variação dos verbos ter e haver em sentenças existenciais no sertão alagoano. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2017.

OMENA, N. P. A referência a primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (ed.). Mudança lingüística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 286-319

PATIL, I.; POWELL, C. GGSTATSPLOT: “ggplot2”, Based Plots with Statistical Details, 2018.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2017. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

RODRIGUES, F. G. C. Concordância verbal com o pronome a gente no sertão alagoano. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018.

SILVA, S. O. P. A variação de você e cê na fala dos sertanejos alagoanos. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2017.

SIQUEIRA DA SILVA, J. M. Variação entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia, 2018.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. A língua usada no sertão alagoano: constituição da amostra. Trabalho apresentado no III Estudos em Linguagem do Sertão. Delmiro Gouveia, jun. 2017.

**Recebido:** 19 mar. 2021

**Aprovado:** 7 out. 2023

**DOI:** 10.3895/rl.v25n46.13955

**Como citar:** SIQUEIRA, Manoel; NOVAIS, Viviane. Controle da escolarização no português falado do sertão alagoano. *R. Letras*, Curitiba, v. 25, n. 46, p. 81-100, jan/jun. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfrpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

